

Ministério do Turismo, Instituto Unimed-BH e
Espaço do Conhecimento UFMG apresentam:

ESPAÇO ABERTO A EDUCADORES



ESPAÇO ABERTO A EDUCADORES

Uma publicação do Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e
Estudos de Público do Espaço do Conhecimento UFMG

2021



Sumário

O Espaço do Conhecimento UFMG	2
Convite para uma aproximação às nossas ações educativas	4
Diretrizes de nossas ações	7
O museu como espaço de educação não formal	7
Divulgando a ciência	10
A visita como uma experiência	12
Um olhar transdisciplinar	14
Você sabe o que mediação no museu?	17
Agendamento de visitas	20
Três momentos da visita escolar	20
Parcerias para acessibilidade e inclusão	25
Ficha técnica	29

O ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG

O Espaço do Conhecimento UFMG é um espaço cultural diferenciado, que conjuga ciência, arte e cultura. Vinculado à Diretoria de Ação Cultural da UFMG e localizado na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, Minas Gerais, foi inaugurado em 21 de março de 2010, completando dez anos de funcionamento em 2020. Atualmente, é fruto de uma parceria entre o governo do Estado de Minas Gerais e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desde 2017, recebe o patrocínio do Instituto Unimed-BH, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Integra o Circuito Liberdade, considerado atualmente o maior complexo cultural do país.

O museu conta com uma exposição de longa duração intitulada Demasiado Humano, que ocupa três dos cinco andares do prédio e se divide em dois temas: “Origens” e “Vertentes”. A busca pelo conhecimento e pela compreensão do universo é o ponto de partida dessa exposição, que utiliza recursos audiovisuais e interativos, possibilitando ao público uma experiência visual, tátil, sensorial. O prédio contém ainda um Planetário, um observatório astronômico, mais de 200 m2 de área dedicada a exposições temporárias, uma sala de oficinas, uma livraria e uma cafeteria. Destaca-se pela arquitetura especialmente planejada para abrigar uma fachada digital voltada para a Praça da Liberdade, que funciona como um espaço expositivo digital.

Para saber mais sobre a Exposição Demasiado Humano, acesse o QRCode abaixo:



O museu abriga ações diversas, elaboradas e executadas por equipe interdisciplinar, composta por professores/pesquisadores, estudantes e técnicos da UFMG. As atividades, tanto presenciais como virtuais, baseiam-se na postura crítica e reflexiva diante dos processos de conhecimento, na

diversidade, na acessibilidade e na construção dialógica do saber.

Dentre as equipes de trabalho do Espaço do Conhecimento UFMG, o Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e Estudos de Público é responsável pelas atividades desenvolvidas junto aos diversos públicos visitantes. As atividades do Núcleo são planejadas e executadas por equipe composta majoritariamente por estudantes dos mais diversos cursos de graduação da UFMG. A equipe, de forma interdisciplinar, busca mediar a relação entre público e museu e formar novos públicos através de visitas espontâneas e agendadas - estas últimas, realizadas por turmas de estudantes de escolas públicas e privadas de todas as idades. O desenvolvimento das ações parte da compreensão de que os museus são espaços de encontro, troca e debate onde o público deve se tornar protagonista.

Este livreto é uma produção do Núcleo de Ações Educativas com o objetivo de ampliar o diálogo com os educadores e educadoras, em especial os da educação básica. Nele, apresentamos as diretrizes metodológicas do trabalho educativo desenvolvido no Espaço do Conhecimento UFMG, bem como informações relevantes para o planejamento de uma visita escolar ao museu.

Com este documento, abrimos a primeira série de publicações do Espaço do Conhecimento UFMG voltada a educadores. Nos próximos livretos, serão abordadas temáticas específicas do trabalho educativo no museu, com sugestões de oficinas e outras atividades a serem desenvolvidas com os estudantes, em meios presenciais e virtuais.

Boa leitura!

Diomira Maria Cicci Pinto Faria
Diretora Científico-Cultural

Sibelle Cornélio Diniz
Coordenadora do Núcleo de Ações Educativas,
Acessibilidade e Estudos de Público

CONVITE PARA UMA APROXIMAÇÃO ÀS NOSSAS AÇÕES EDUCATIVAS



Olá a todos e todas!

É com muita alegria e orgulho que coordeno, atualmente, a equipe de bolsistas, estagiários e assistentes que desenvolvem as ações educativas no Espaço do Conhecimento UFMG. Confesso a vocês que quando assumi essa coordenação, em 2015, eu não tinha a real dimensão da importância do trabalho educativo dentro dos espaços culturais. Desde então aprendi, especialmente com a prática, que as ações educativas nos museus são transformadoras, tanto para quem as vivenciam como público, quanto para aqueles que as idealizam e realizam.

No Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e Estudos de Público, costumamos dizer, inspirados pelo divulgador científico Jorge Wagensberg (2005), que o êxito de uma exposição pode ser entendido a partir do número de perguntas que ela suscita, do estímulo à leitura que ela provoca, e, das conversas que ela gera durante e depois da visita. Por isso, o trabalho educativo junto às exposições deve ser, em essência, estimulador e questionador. Deve explorar recursos de modo a aguçar a imaginação e os sentidos dos visitantes, e a provocar suas memórias e emoções. Deve se pautar na diversidade, na representatividade e na inclusão. Deve considerar e compreender os diversos e complexos saberes trazidos pelos públicos. Deve contar com pessoas de diferentes áreas, incluindo as artes, o que permite incorporar linguagens como o teatro, a música e a literatura às atividades.

No Espaço do Conhecimento UFMG, recebemos públicos que visitam o museu espontaneamente, e também aqueles grupos que agendam suas visitas. Neste caso, principalmente turmas de alunos trazidas ao museu pelos seus professores. O Espaço recebe diariamente até 180 estudantes em visitas agendadas. Em 2019, recebemos quase 12 mil alunos, dos quais,

73% de escolas públicas, desde a educação infantil até a educação de jovens e adultos.

A visitação escolar permite tanto a aproximação do museu a públicos bastante diversos, bem como a formação de novos públicos. É comum recebermos estudantes que nunca haviam visitado um museu ou espaço cultural ou que sequer haviam saído do bairro ou da regional onde moram. Muitos desses alunos também não sabem da existência de uma universidade federal pública e gratuita em Belo Horizonte. Nesse caso, o trabalho educativo é também de expansão de horizontes para esses visitantes, estimulando-os a serem futuros universitários, cientistas, artistas, e (por que não?) educadores de museus.

Atualmente, temos mediadores na nossa equipe educativa que no passado visitaram o museu como estudantes de escolas públicas. Também recebemos turmas cujos professores já haviam sido mediadores no Espaço. Esse processo formativo acontece no dia a dia do museu e é muito emocionante para quem o acompanha.

O diálogo com os professores da educação básica é fundamental para o nosso trabalho. Pensando nisso, desenvolvemos o projeto Espaço Aberto a Educadores, ao qual este livreto está relacionado. Além da produção de conteúdo voltado especialmente a educadores, criamos canais de comunicação desses materiais via e-mail e Whatsapp. A presente publicação foi pensada dentro desse projeto, com a finalidade de apresentar nossas diretrizes educativas, bem como apoiar os processos de planejamento de visitas escolares, considerando os períodos pré e pós visita.

Convido vocês a explorarem o material e a conhecerem melhor os nossos projetos por meio do nosso site e perfis nas redes sociais.

Boa leitura!

Sibelle Diniz

Coordenação do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade

**CONHEÇA O PROJETO “ESPAÇO ABERTO A EDUCADORES”
ATRAVÉS DO QR CODE ABAIXO:**



ACESSE NOSSOS PERFIS NAS REDES SOCIAIS:

No Facebook e Youtube, busque por: Espaço do Conhecimento UFMG

No Instagram e Twitter, busque por: @espacoufmg

No Spotify, busque pelos Podcasts:

- Pílulas do Conhecimento
- Pelos Mundos Indígenas
- Café Controverso

DIRETRIZES DE NOSSAS AÇÕES

O MUSEU COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

A educação nos museus não acontece da mesma forma que nas escolas. Assim, dizemos que museus são espaços de educação não formal. Quais seriam as diferenças entre a educação formal – aquela que acontece nos espaços escolares – e a não formal?



Alunos do Colégio Chromos visitam a exposição Demasiado Humano, no quarto andar do Espaço do Conhecimento UFMG

Primeiro, devemos pensar na figura do educador. Na escola, os educadores são as professoras e os professores. Nos espaços não formais, não há um educador em especial: quem educa é o “outro” com quem vamos interagir, e são vários os “outros” envolvidos. No Espaço do Conhecimento UFMG, por exemplo, essa troca acontece entre estudantes e mediadores, colegas e professores, e até mesmo com a própria exposição.

Podemos pensar ainda nas diferenças em termos de objetivos e metodologias. De um lado a educação formal, que segue um currículo preestabelecido, com base nas diretrizes nacionais, e tem como objetivo o ensino e a aprendizagem de conteúdos, habilidades e competências sistematizados. Do outro, a educação não formal baseada em processos interativos intencionais e voluntários que buscam ampliar a percepção de mundo dos envolvidos por meio da troca de experiências. Os objetivos são então definidos e redefinidos o tempo todo, permitindo avanços em uma formação sociocultural e política.

Por fim, podemos refletir sobre como esses modelos se organizam. Se na escola (educação formal) estamos organizados por idade, séries, conteúdos, etc.; na educação não formal os grupos são definidos de acordo com interesses comuns e constroem uma identidade coletiva, que considera as diferenças como seu ponto de partida. A educação não formal está aberta a todos: crianças, jovens, adultos e idosos, não acontecendo apenas em um momento específico da vida.

Os museus são ambientes muito interessantes para a promoção do encontro entre diferentes públicos e gerações, assumindo-se como espaços de experimentação, movimento, improviso e construção de novos paradigmas educacionais. Esses encontros são potencializados nas visitas espontâneas, nas oficinas e debates. Nem sempre porém, é possível ir ao museu espontaneamente. Sabemos que são muitas as barreiras que podem distanciar o público dos museus. Esse é um dos motivos pelos quais criamos visitas especiais para grupos escolares.

Os espaços não formais, como os museus, são, portanto, especialmente importantes para desenvolver dimensões como solidariedade, autoestima,

empoderamento social e cidadania. Isso não significa, é claro, que a escola não trabalhe uma formação cidadã e humanista ampla, mas ela o faz de maneira diferente. Ambos os processos – o da educação formal e o da educação não formal – evoluem juntos.

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar 2006.

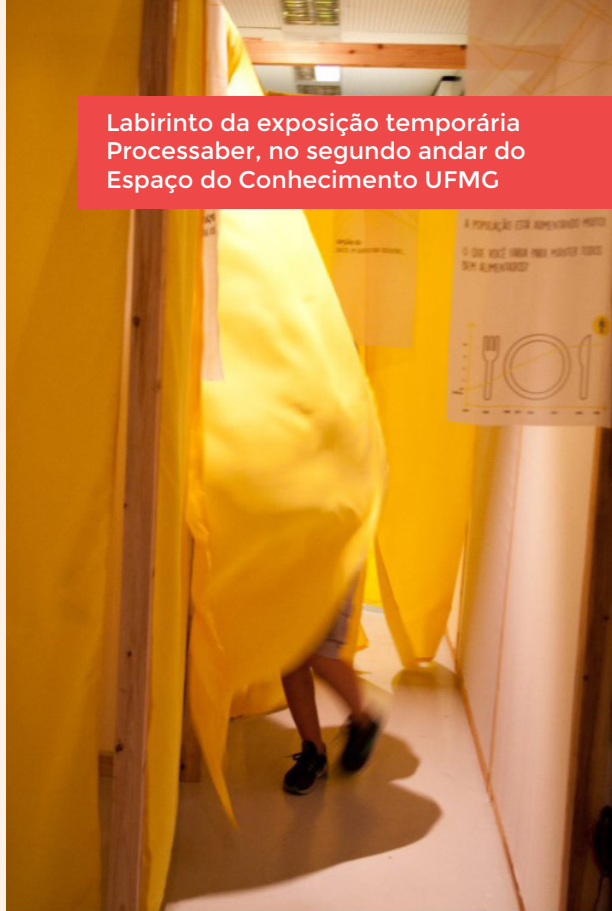
MARANDINO, Marta *et al.* Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? Ciência & Educação, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.

DIVULGANDO A CIÊNCIA

É comum que ações de divulgação científica aconteçam em ambientes de educação não formal como o Espaço do Conhecimento UFMG. O grande desafio é construir uma divulgação crítica da ciência na qual o público não seja um mero espectador e receptor de informações.

É importante que a divulgação da ciência tenha um aspecto formador, visando estimular as pessoas a participarem do debate, a apropriarem-se dos conceitos e conhecimentos e aplicá-los em seu dia a dia. Assim como desenvolver uma visão crítica sobre os processos de construção da ciência. Vale lembrar que informações científicas e técnicas são cruciais como fundamentação de debates éticos, econômicos, ambientais, sanitários e políticos, além de possuírem valor em si mesmas, como parte da cultura científica da qual todos têm direito a fazer parte.

Cada vez mais, os museus deixam de ser espaços de contemplação passiva e abrem-se para o protagonismo dos visitantes, que definem temas e formulam noções próprias a partir das quais se dão a interação com os objetos e as trocas com seus interlocutores. As instituições escolares são parceiras importantes para a formação de público e para a participação de crianças e jovens em ações de divulgação científico-cultural.



Labirinto da exposição temporária Processaber, no segundo andar do Espaço do Conhecimento UFMG

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

CASTELFRANCHI, Yurij. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária). In: MASSARANI, Luisa. (Coord.). Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana, p.13-21. Rio de Janeiro: Fiocruz /COC/Museu da Vida, 2010.

CASTELFRANCHI, Yurij. O museu como catalisador de cidadania científica. In: MASSARANI, Luisa; NEVES, Rosicler; AMORIM, Luís (Org.) Divulgação científica e museus de ciências: o olhar do visitante – Memórias do evento. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz/RedPop, 2016.

FERREIRA, José Ribamar. Popularização da ciência e as políticas públicas no Brasil (2003-2012). 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Henrique César da. O que é divulgação científica? Ciência e Ensino, v. 1, n. 1, p. 53-59, 2006.

A VISITA COMO UMA EXPERIÊNCIA

Em um museu, objetos e informações estão organizados na forma de exposições. Essa organização guarda características próprias do espaço museal. No Espaço do Conhecimento UFMG, os curadores pensam em uma linha narrativa, a equipe de expografia organiza o conceito espacialmente, e a equipe educativa estabelece diálogos com o público para ampliar e potencializar a interação com os conteúdos expostos.

O contato com uma exposição nunca é igual para todo mundo. As pessoas podem possuir visões diferentes sobre o tema que está exposto, conhecer fatos para além do que está representado, ou desconhecer completamente o tema. Cada um constrói uma relação individual com o que foi visto e apreende coisas que possuem relação com vivências anteriores à visita. O público questiona, reelabora os conteúdos e cria conexões com a exposição. É muito comum que, durante as visitas escolares, os alunos queiram colocar seus pontos de vista, contar histórias, comentar sobre um vídeo do Youtube que possui relação com o tema da exposição, etc. A escuta faz parte do processo da visita. Em outros termos, o museu e suas



Réplica de fóssil do Rincossauro
exposta no quarto andar do
Espaço do Conhecimento UFMG

exposições envolvem interações afetivas, sensoriais e cognitivas. Por isso, o museu deve ser um ambiente de risadas, de indagações, de descobertas, de entusiasmo, de silêncios, de surpresas, de encanto e de desencanto.

Por exemplo, no Espaço, ao se deparar com a réplica do fóssil do Rincossauro, as crianças podem deixar escapar diferentes expressões: Uau! Que legal! O que é aquilo? É de verdade? Pode tocar? Estou com medo! Parece um lagarto! Ele tem bico de papagaio! Essas falas, indagações e sentimentos só são possíveis pela dimensão da experiência que perpassa as visitas. Como coloca Jorge Larossa Bondía (2002): experiência é aquilo que nos acontece, nos toca, que nos acontece e permanece.

Quando a visita ao Espaço torna-se significativa, depois de anos o visitante pode se lembrar por exemplo, de como o Cruzeiro do Sul ajuda na localização das pessoas, por ter visto essa informação em uma sessão do planetário. Ou se lembrar das histórias que conheceu na parte da exposição sobre Minas Gerais, ao ver o fuxico na colcha da casa da avó. Cada visitante terá uma lembrança e um saber construído durante a visita, porque a dimensão da experiência é individual, embora compartilhada. É um desafio constante para os museus e para o Espaço do Conhecimento UFMG potencializar esses espaços e momentos de compartilhamento de experiências, questionamentos e lembranças.

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação [online], n.19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&tlng=pt>.

MARTINS, Luciana C.; NAVAS, Ana Maria; CONTIER, Djana; SOUZA, Maria Paula Correia de. Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013. Disponível em: <<https://www.percebeeduca.com.br/conteudos/visualizar/Que-publico-e-esse-Formacao-de-publico-de-museus-e-centros-culturais>>

UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR

A transdisciplinaridade pode ser entendida como uma forma de ler criticamente o mundo, para além das segmentações das áreas do conhecimento e das disciplinas escolares. Ela se constrói a partir de um constante movimento entre essas segmentações e para além delas. Ajuda, assim, a transformar nosso olhar individual e coletivo sobre o mundo.

O Espaço do Conhecimento UFMG e outros museus têm buscado, cada vez mais, provocar e potencializar tais movimentos transdisciplinares, na medida, por exemplo, em que incluem a arte na ciência e a ciência na arte, e que se preocupam em contextualizar o saber científico em suas relações com saberes populares e tradicionais, bem como com a sua própria história e seus sujeitos. Partimos da ideia de que para aproximar a sociedade do conhecimento científico é preciso pensar a ciência também através de aspectos de subjetividade, tais como a arte e a afetividade. Nesse sentido, é possível extrapolar a ideia tradicional de divulgação científica e chamar a atenção para as especificidades da ciência enquanto atividade cultural historicamente construída.



Contação de histórias Yorubá nas Cosmogonias - terceiro andar do Espaço do Conhecimento UFMG

Nesse sentido, algumas das questões que perpassam cotidianamente o nosso trabalho são: Qual a perspectiva das artes visuais sobre a formação do Universo, a da física sobre a cultura Grega, a da biologia sobre a forma como usamos a tecnologia? Como ressignificar permanentemente o nosso olhar sobre o mundo a partir dessas trocas?

Desse modo, durante as visitas escolares, buscamos convidar o educador a ampliar os diálogos das disciplinas escolares entre si e delas com o mundo, a fim de escapar de um modelo escolar formal tradicional, em que cada conhecimento permanece em sua caixinha. Além disso, buscamos desenvolver a visão crítica de que a construção da ciência é um processo que sempre acontece dentro de um recorte social e temporal.

Conexões, relações e provocações são premissas essenciais para que a transdisciplinaridade possa acontecer, para que possamos perceber a realidade como um todo e superar as fronteiras e fragmentações disciplinares. Esse é um movimento importante também no contexto escolar.

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

HISSA, Cássio E. V. Transdisciplinaridade: breves notas acerca de limites e fronteiras da ciência moderna. DOI 10.5216/teri.v1i1.14391. Revista Terceiro Incluído, v.1, n.1, p.90-105, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/teri.v1i1.14391>>.

MARANDINO, Martha. Interfaces na relação Museu-Escola. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v.18, n.1, p.85-100, abr. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/download/6692/6159%3E>>.

PEREIRA, Júnia S.; CARVALHO, Marcos Vinícius C. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. Cadernos CEDES [online], v.30, n.82, p.383-396, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32622010000300008>>.

SOMMERMAN, Américo; MELLO, Maria F. de; BARROS, Vitória M. de. Educação e transdisciplinaridade II. São Paulo: Trion, 2002. Disponível em: <<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-26998/educacao-e-transdisciplinaridade-ii>> .



Oficina Brincando de ser cientista
- quinto andar do Espaço do
Conhecimento UFMG

VOCÊ SABE O QUE É MEDIAÇÃO NO MUSEU?

Se você já visitou o Espaço do Conhecimento UFMG, já deve ter se deparado com algumas pessoas usando coletes bem descolados pelas exposições, correto? São os nossos mediadores! Eles são alunos de graduação da UFMG, das mais diversas áreas do conhecimento. São eles os responsáveis pelo atendimento tanto dos grupos escolares agendados, quanto dos demais visitantes espontâneos.

A mediação a partir do diálogo tem o intuito de ampliar, construir e reconstruir entendimentos, conceitos e experiências para todos os envolvidos no processo da visita. Assim, mediar a relação do público com as exposições é um processo não somente de fala, mas principalmente de escuta.

O processo de mediação parte da compreensão de que as diferentes formas de conhecimentos científicos e culturais não são propriedade absoluta de especialistas ou instituições específicas, mas se constroem constantemente com a participação de toda a sociedade. É função da

mediação estimular a consciência crítica sobre a realidade que nos cerca por meio da materialidade, da sensorialidade e também do confronto de ideias. Seu intuito é garantir um acesso democrático à ciência e à cultura, de forma ampla, procurando adaptar a linguagem aos públicos de diferentes faixas etárias, origens, culturas e interesses.

No Espaço do Conhecimento UFMG, os mediadores – aqueles que estão em contato direto com o público – são universitários em formação, de diferentes cursos, interessados em se aprofundarem na ação de divulgação da ciência. Temos mediadores com formações nas áreas das ciências humanas, sociais, exatas, biológicas e das artes, que trabalham de forma colaborativa e dialogada, na construção de vários projetos e ações educativas. Entendemos que essa pluralidade de olhares é enriquece nossa experiência de construção do conhecimento em conjunto com os diferentes públicos.

Nossa equipe de mediadores prepara-se para essa função por meio de leituras, palestras e trocas de experiências quanto ao conteúdo das exposições, os diferentes perfis de públicos e suas necessidades, as práticas educativas dos museus e muito mais. São sujeitos em formação permanente, que também aprendem muito no contato com professores/educadores e alunos que visitam o Espaço, reformulando sempre suas ideias e narrativas.

Para o mediador, é muito importante que os visitantes sintam-se à vontade para se colocarem sobre suas impressões e sobre as inquietações provocadas pelas exposições e atividades no museu. Convidamos você e sua turma a trocar conosco! Na troca de experiências, os mediadores do Espaço do Conhecimento UFMG sempre aprendem coisas novas com os visitantes e incorporam isso à sua prática cotidiana.

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

MARANDINO, Martha (Org.) Educação em Museus: a mediação em foco. São Paulo: FEUSP, 2008.

MASSARANI, Luisa; RODARI, Paola; MERZAGORA, Matteo. Diálogos e Ciência: mediação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.

AGENDAMENTO DE VISITAS

Registro da visita da
EE Anísio Teixeira de



TRÊS MOMENTOS DA VISITA ESCOLAR

A visita de um grupo escolar começa muito antes da chegada dos estudantes e professores ao museu e não se encerra após as poucas horas passadas fora da escola. Podemos pensar que levar os alunos ao museu envolve três tempos muito importantes que podem enriquecer a experiência do grupo. Há o momento que chamaremos de pré-visita, a visita propriamente dita, e o momento pós visita.

Pré-visita

A pré-visita inicia-se com o levantamento de informações sobre o museu, sendo importante verificar como ocorre o processo de agendamento da visita. No nosso caso, tentamos facilitar ao máximo esse processo por meio de formulários online, e deixando o mais transparente possível o sorteio público das vagas, que é transmitido em nossa página do Facebook.

Também é importante pesquisar sobre os assuntos abordados nas exposições e em outras atividades que acontecem durante a visita. No caso do Espaço do Conhecimento UFMG, é interessante, por exemplo, explorar a programação de sessões do Planetário e saber quais exposições temporárias estarão em cartaz no dia da sua visita.

Este é o momento de provocar o interesse dos alunos na visita, lançando questões e convidando-os a acessar o site e as redes sociais do Espaço (Instagram, Facebook, Twitter, Spotify, Youtube).

Finalmente, é hora de planejar a logística da visita: definir onde os alunos irão lanchar, onde o ônibus irá estacionar, checar se é possível deixar as mochilas no ônibus (o que facilita muito a entrada no prédio), sugerir aos alunos o uso de agasalho (o ar condicionado pode causar desconforto), etc.

Temos algumas dicas para que você não precise planejar tudo sozinha(o)! Além do

Para saber mais sobre o agendamento de visitas de grupos, acesse o QRCode abaixo:



Para saber mais sobre as sessões do Planetário e exposições temporárias, acesse os QR Codes abaixo:



Sessões de Planetário



Exposições Temporárias

material disponibilizado no momento da confirmação do agendamento, você poderá obter informações e tirar suas dúvidas durante os encontros organizados pelo Núcleo Educativo junto aos educadores. Nesses encontros, é possível conhecer em detalhes a proposta de trabalho da instituição e as atividades realizadas, o que ajuda muito na reflexão e no planejamento da pré-visita. Outra dica importante é tentar se articular, dentro da escola, com professores de diferentes áreas para a construção de um projeto transdisciplinar envolvendo a ida ao museu.

FIQUE LIGADO!

OS ENCONTROS PRESENCIAIS COM PROFESSORES E EDUCADORES ACONTECEM QUATRO VEZES AO ANO:



MESES: FEVEREIRO, ABRIL, JUNHO E SETEMBRO



DURAÇÃO: 2 A 3 HORAS



HORÁRIOS: QUARTA ÀS 14 HORAS OU SÁBADO ÀS 10 HORAS



LOCAL: ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG

AS DATAS EXATAS SÃO DIVULGADAS EM NOSSO SITE E REDES SOCIAIS

Visita

Tudo organizado, é hora da visita! Ela tem um tempo relativamente curto de duração – no Espaço, dura em torno de duas horas – então é preciso aproveitá-lo ao máximo. Vale lembrar que este momento, muito além do reforço de conteúdos disciplinares, é uma vivência que passa pelo encantamento, reconhecimento, estranhamento, construção e desconstrução de significados. Uma experiência para ser compartilhada entre educadores do museu, professores e alunos.

Lembre-se que o professor também é um visitante e pode se permitir relaxar um pouco e viver a experiência junto com os alunos, expondo

comentários, expressando admiração ou dúvida, sem se preocupar em excesso com a gestão do tempo e a disciplina. Os educadores do museu estarão prontos para ajudar.

Pós-visita

Fim da visita, hora de voltar para a escola, mas a experiência não precisa se encerrar quando todos entram no ônibus! O que foi visto, ouvido, experimentado e debatido pode reverberar por muito tempo. Uma boa visita é aquela da qual a turma sai com mais perguntas do que respostas. Por isso, é importante cuidar com carinho da etapa pós-visita, construindo oportunidades de compartilhar relatos, retomar questões e ampliar conceitos.

Feito tudo isso, não deixe de dar um retorno das ações desenvolvidas nesta etapa para nossa equipe! Esses resultados são fundamentais para avaliarmos o impacto da sua visita e como podemos melhorar.

RELATOS DE VISITA NO SITE E NO INSTAGRAM DO ESPAÇO

Se você já realizou uma visita ao Espaço com sua turma escolar, queremos saber como foi sua experiência.

Você pode escrever um breve relato e/ou enviar fotos para publicarmos no *feed* ou nos *stories* da nossa página do Instagram (@espacoufmg)

Você também pode escrever um relato mais detalhado, incluindo as etapas pré e pós-visita, que ficará documentado na seção “espaço aberto a educadores” do nosso site:



E para quem ainda não visitou, recomendamos ler os relatos já enviados por professores. Eles são ótimas referências para o planejamento de sua visita!

Essas três etapas ajudam a organizar o processo de visita, mas existem muitas outras dimensões que escapam a elas. Também fazem parte as interações que acontecem dentro do ônibus no trajeto pela cidade, como sentar-se ao lado do colega, cantar músicas, compartilhar o lanche, etc. Fazem parte as fotos na exposição compartilhadas com amigos e famílias pelas redes sociais, as interações com os colegas de outras turmas, conhecer pessoas novas que trabalham no museu, interagir com a Praça da Liberdade e muito mais!

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

COSTA, Andréa F. A importância da colaboração museu-escola. In: ANDRADE, Antônio R. P. (Org). Guia de visitação ao Museu Nacional: reflexões, roteiros e acessibilidade. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2013, p. 07-10.

PEREIRA, Júnia Sales. Escola e Museus: diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Cefor, 2007.

PARCERIAS PARA ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO

Museus e centros de ciência e cultura, tanto quanto as escolas, devem ser entendidos como instituições promotoras da inclusão social. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (nº 13.145/2015), no artigo 14, afirma que “[a] pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso [...] a bens culturais em formato acessível [...]”. Contudo, ainda hoje, muitas pessoas com deficiência não frequentam espaços culturais por receio de não serem bem acolhidas. Assim, precisamos ajudar a construir uma conexão de todos os públicos com os museus, baseada na construção do afeto e do acolhimento.

O Espaço do Conhecimento UFMG busca tornar-se, cada vez mais, um espaço democrático, aberto aos mais diversos públicos, dentre eles as pessoas com deficiência. Temos realizado, por exemplo, atividades inclusivas em Língua Brasileira de Sinais, como a sessão de planetário Astronomia Indígena com Libras e o projeto Sábado com Libras, que oferece semanalmente oficinas, visitas e outras atividades inteiramente em Libras para os visitantes.

Contudo, assim como a inclusão escolar, a acessibilidade em museus é um tema relativamente recente, sobre o qual há muito para avançarmos, tanto nas adaptações físicas e sensoriais, quanto no desenvolvimento de ações educativas especializadas.

O trabalho de mediação pode ser um facilitador da compreensão e da vivência sensorial dos públicos, considerando suas diversidades. Para tanto, os mediadores do Espaço do Conhecimento UFMG realizam atividades de formação continuada relacionadas ao atendimento a pessoas com deficiência e contam com algumas tecnologias assistivas, como mapas táteis dos andares, impressora em braile e o apoio de uma intérprete de Libras, que promovem a inclusão dessas pessoas.

Esse trabalho, contudo, não acontece de forma isolada. No caso das visitas escolares, é fundamental a colaboração entre o museu e a escola,

por meio do compartilhamento de informações desde o momento do agendamento da visita. Esse envolvimento permite a flexibilização de objetivos e perspectivas em relação às ações educativas e aos planos de acessibilidade.

No formulário de agendamento da visita, respondido pelos professores, há uma questão referente à presença de alunos com deficiência na turma que visitará o Espaço. A resposta fornecida norteará nossa preparação, que envolve a busca por recursos sensoriais e a adequação do ritmo da visita, dos deslocamentos, da linguagem, entre outras estratégias de inclusão desses alunos junto aos grupos, no momento da visita. Por isso, é tão importante que essa questão seja respondida com o máximo de detalhes possível, em colaboração com os educadores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou mesmo com as famílias, uma vez que cada aluno é único e tem suas especificidades e necessidades.

Toda e qualquer sugestão, crítica ou consideração que possa nos ajudar a melhorar o atendimento às pessoas com deficiência e a incluir, da melhor maneira, todos os alunos nas visitas escolares, são sempre muito bem-vindas.

Observação solar em Libras
no quinto andar do Espaço
do Conhecimento UFMG



PARA APROFUNDAR NO TEMA:

ARRUDA, Felipe et al. *Mediações Acessíveis. Ciclo de Encontros sobre Acessibilidade em Espaços de Educação e Cultura*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2018.

COHEN, Regina *et al.* *Acessibilidade a Museus*. Cadernos Museológicos, v.2. Brasília, DF: MinC/IBRAM, 2012.

PIRES, Diógenes M.; PAGLIOTO, Bárbara F.; MARTINS, Dinalva A. Sessão *Astronomia Indígenas com Libras*. Caderno de Resumos. III Encontro da ABCMC – Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências, 10 a 15 set., 2018.

SARRAF, Viviane Panelli. *Acessibilidade em Espaços Culturais: mediação e comunicação sensorial*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 205.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Políticas Públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus*. Tese de doutorado em ciência da informação, Escola de Comunicação, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/pt-br.php>>. Acesso em: 08/01/2020.

O QUE VOCÊ ACHOU DESTE MATERIAL?

Se tiver qualquer comentário, dúvida ou sugestão, entre em contato pelo e-mail:

✉ espacoabertoaeducadores@gmail.com

Para receber nossa programação pelo whatsapp, entre no grupo do projeto Espaço Aberto a Educadores pelo QRCode abaixo:



FICHA TÉCNICA

Reitora

Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-reitor

Alessandro Fernandes Moreira

Diretoria de Ação Cultural

Fernando Mencarelli

Mônica Ribeiro

Diretoria Científico-cultural

Diomira Maria Cicci Pinto Faria

Sibelle Cornélio Diniz da Costa

Coordenação do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade

Sibelle Cornélio Diniz da Costa

Coordenação do Núcleo de Comunicação e Design

Camila Mantovani

Concepção e conteúdo

Sibelle Cornélio Diniz da Costa

Bárbara Freitas Paglioto

Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos Santos

Wellington Luiz Silva

Júlia Lobato Maciel

Priscila Gabriele Martins Silva

Tamires Batista Silveira

Identidade visual, diagramação e ilustrações

Ana Naemi Machida

Realização

Espaço do Conhecimento UFMG

Instituto Unimed-BH

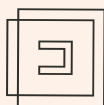


patrocínio



Patrocínio viabilizado pelo incentivo de pessoas físicas

realização



Espaço do
Conhecimento
UFMG

DAC
DIRETORIA DE
AÇÃO CULTURAL

UFMG



**CIRCUITO
LIBERDADE**

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Espaço aberto a educadores [livro eletrônico] :
uma publicação do núcleo de ações educativas,
acessibilidade e estudos de público do espaço
do conhecimento UFMG / Sibelle Cornélio Diniz
.. [et al.]. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG :
Espaço do Conhecimento UFMG, 2021.
PDF

Outros autores : Bárbara Freitas Paglioto,
Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos Santos,
Wellington Luiz Silva, Júlia Lobato Maciel, Priscila
Gabriele Martins Silva, Tamires Batista Silveira.
ISBN 978-65-992762-1-7

1. Acessibilidade cultural 2. Ações educativas 3.
Divulgação científica 4. Museus 5. Museus e escolas
6. Práticas educacionais 7. Professores - Formação
profissional I. Paglioto, Bárbara Freitas. II.
Santos, Jonathan Philippe Fernandes Barboza dos. III.
Silva, Wellington Luiz. IV. Maciel, Júlia Lobato. V.
Silva, Priscila Gabriele Martins. VI. Silveira,
Tamires Batista.

21-65164

CDD-370.7

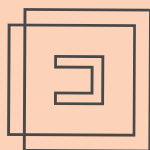
Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Arte : Experiência : Educação 370.7

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ISBN: 978-65-992762-1-7





Espaço do
Conhecimento
UFMG